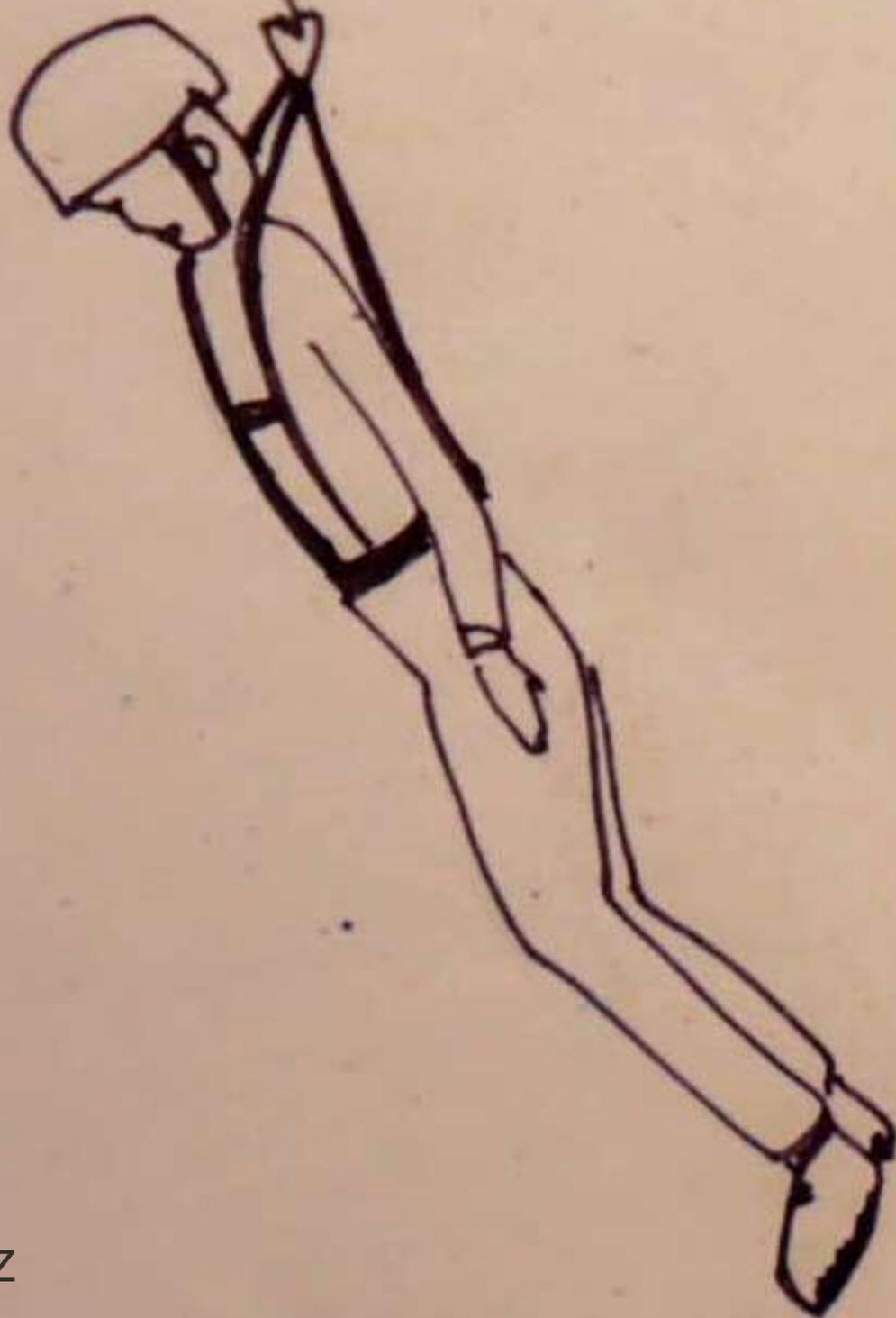


RISCO DE QUEDA

FLÁVIA SCÓZ

MATERIAL EDUCATIVO
GALERIA VICTOR KURSANCEW



CONVITE DA EXPOSIÇÃO

RISCO DE QUEDA

Flávia Scóz



EXPOSIÇÃO
abertura | conversa com artista:
4 de maio de 2022 | 20h

OFICINA

Laboratório de Performance:
chão, corpo e gravidade
3 de junho | 14h30 às 17h
classificação: 14 anos | 20 vagas
inscrições:
bit.ly/LaboratorioPerformancelle

PALESTRA

O querer, a queda
3 de junho | 17h
Prof. Dr. Artur de Vargas Giorgi (UFSC)

Casa da Cultura Fausto Rocha Junior
R. Dona Francisca, 800 - Saguçu, Joinville - SC
4 de maio a 17 de junho de 2022
segunda a sexta | 10h às 16h

CONTEÚDO

- 03** PROJETO
- 09** TEXTO CRÍTICO
- 10** PESQUISA
- 11** BIO
- 12** EXPOSIÇÃO
- 21** TRABALHOS
- 49** ATIVIDADES EDUCATIVAS
- 53** MATERIAL DE APOIO
- 54** FICHA TÉCNICA



RISCO DE QUEDA,

POR FLÁVIA SCÓZ



RISCO DE QUEDA, POR FLÁVIA SCÓZ.

Em “tempos sombrios”, conforme a expressão de Hannah Arendt, nos quais a experiência parece estar em queda e o fascismo em ascensão, imaginar uma política da queda e do levante é uma forma de articular o contemporâneo, o Brasil e o mundo. Pensar uma política da queda é inevitavelmente pensar a força da gravidade. Neste sentido, a pesquisa que se materializa em “Risco de queda” se debruça na reverberação da gravidade na Literatura e nas Artes e sugere que dessa política da queda pode surgir o que se conhece como revolta, manifesto, levante, desordem, indisciplina, etc.

Em “tempos sombrios”, conforme a expressão de Hannah Arendt, nos quais a experiência parece estar em queda e o fascismo em ascensão, imaginar uma política da queda e do levante é uma forma de articular o contemporâneo, o Brasil e o mundo. Pensar uma política da queda é inevitavelmente pensar a força da gravidade. Neste sentido, a pesquisa que se materializa em “Risco de queda” se debruça na reverberação da gravidade na Literatura e nas Artes e sugere que dessa política da queda pode surgir o que se conhece como revolta, manifesto, levante, desordem, indisciplina, etc.

Levantar é manifestar-se contra, é a luta diária e invisível contra a gravidade. Levantar é contrapeso. Sendo assim, o que se propõe é pensar uma política da queda e do levante. Um gesto de ruptura, de corte, um gesto poético que emana uma forma de ética, logo, um gesto político.

Pensar a política da queda faz com que as imagens de derrocada de impérios e de seus soberanos sirvam de elementos não apenas inevitáveis na composição desta pesquisa, mas necessários. É a partir desses fatos que se forjam as narrativas e as imagens que culminam nas inúmeras formas de articulação do cair e do levantar, do levitar, do pesar, da gravidade – na literatura, na dança, na filosofia, na pintura ou na música. O intuito é evocar estas imagens (ou representações) para refletir sobre possíveis movimentos de levante no mundo contemporâneo.

Como sugere a diretora do museu Jeu de Paume, Marta Gili:

As noções de revolução, rebelião ou revolta podem não estar distantes do vocabulário da sociedade contemporânea, mas seus objetivos e gestos são vítimas de amnésias e inércias coletivas. Por isso, analisar as formas de representação dos “levantes” desde as gravuras de Goya até as instalações, pinturas, fotografias, documentos, vídeos e filmes contemporâneos se revela inequivocamente pertinente no nosso contexto social atual.

A queda dos corpos é um tema filosófico já estudado por Aristóteles. Ele sugeria que os objetos sofriam uma força para cima ou para baixo, de Gravidade ou de Leviandade. Para Aristóteles, o movimento de queda e ascensão dependia da matéria dos objetos e estava relacionado com a sua teoria dos quatro elementos e de seus respectivos “pesos”: terra, água, fogo e ar. Cerca de dois mil anos depois, o italiano Galileu Galilei rebateu as proposições de Aristóteles com suas experiências da queda dos corpos em plano inclinado, provando que os corpos caem sempre com a mesma aceleração, independentemente de sua massa ou composição. Mas foi por volta de 1687 que o conceito de gravidade começou a tomar sua forma moderna. O físico Isaac Newton desenvolve em *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica* a lei de gravitação universal, que, entre outras suposições, indica que os corpos do universo sofrem uma força de atração mútua, ou seja, que a mesma força que permite aos planetas girarem em torno do Sol garante que os objetos caiam no chão.

Um corpo é “afetado”, ao mesmo tempo, por diversas forças gravitacionais. Após as teorias de Newton, a gravidade torna-se uma das premissas fundamentais da física, e as hipóteses que a tomam por assunto continuam a ser aprimoradas até a atualidade. Em 1916, o alemão Albert Einstein postulou que a gravidade é resultado da curvatura do espaço e a transformou num dos problemas centrais da física contemporânea. Recentemente, físicos conseguiram comprovar as teorias de Einstein acerca da curvatura e deformação do espaço ao evidenciar cientificamente a existência do que se conhece como ondas gravitacionais. E, a última hipótese da qual tenho conhecimento é de que a gravidade não é uma força fundamental do universo, tal qual o magnetismo por exemplo, mas resultado da interação entre corpos e o que se chama de “matéria escura”, em linhas gerais, matéria escura seria o nome a um “algo” que não se pode ver, ou tocar, mas que seria responsável por 75% da massa do universo.

O que percebo nas proposições e teorias sobre a gravidade é que, para além de compreender como e porque os corpos caem, todas essas hipóteses tentam explicar como os astros e os planetas “pairam” no céu. Dessa forma, a teoria da gravidade é também uma teoria da sublevação, que pode ser interpretada como uma forma de queda, e vice-versa. Se levarmos em consideração que aquilo que “levita” ou aquele que se levanta pode apenas estar caindo em direção contrária, é aceitável afirmar, retomando as proposições “rudimentares” de Aristóteles, que Gravidade e Leviandade podem ser interpretadas como fenômenos decorrentes da lei de gravitação universal de Isaac Newton. O que chama a atenção quando nos debruçamos sobre essas teorias é a preocupação de cientistas, filósofos e físicos em compreender não apenas a força que faz com que maçãs, penas e bolas de chumbo caiam, mas a tentativa incessante de explicar como o que está sobre nossas cabeças não cai: astros, planetas, estrelas. Em outras palavras, o instigante é justamente a não queda ou a levitação.

Esse pode ser um dos motivos pelo fascínio da humanidade pela fábula do voo, pela aparente leveza que os pássaros com suas asas abertas desfilam nos céus. Leveza essa que, em função também de Galileu Galilei, pode-se afirmar que é apenas o resultado da resistência empregada pelo ar sobre o corpo pássaro. No ensaio “Leveza”, o escritor italiano Italo Calvino corrobora: “O que parece excitar a imaginação literária das teorias de Newton não será bem o condicionamento de cada coisa ou pessoa à fatalidade do próprio peso, mas antes o equilíbrio das forças que permite aos corpos celestes pairar no espaço”.

O voo dos pássaros sempre inspirou liberdade nos seus observadores. Não à toa foi tomado como modelo para o desenvolvimento da aviação, que atualmente contraria a promessa de liberdade da utilização do espaço e nos aprisiona dentro de cabines, com normas e cintos de segurança.

Mas o mito do voo, a fábula, o desejo de liberdade, sustentado no bater de asas quase invisível do beija-flor, Colibri, e nas asas imóveis e abertas da águia, é o que alimenta o mistério aerodinâmico e o desejo de conquistar o espaço, e que sustenta mitos como os de Ícaro e Perseu, ambos humanos presenteados com asas.

Para além de tomar distância da terra e experimentar da liberdade do voo, há ainda, como ressalta o filósofo Vilém Flusser, uma outra fantasia embutida no desejo de voar como um pássaro:

A de ultrapassar a bidimensionalidade. O fato de sermos prisioneiros da bidimensionalidade não é comumente reconhecido. Temos a ilusão de que os nossos movimentos ocorrem nas três dimensões do espaço. Na realidade, no entanto, a nossa condição terrena nos condena ao plano (à superfície da Terra). Apenas as nossas mãos nos oferecem abertura para a terceira dimensão, para a “concepção”, “apreensão” e “manipulação” de corpos. Voar como pássaro é poder usar o corpo todo como se fosse mão, poder movimentar-se inteiramente dentro do espaço.

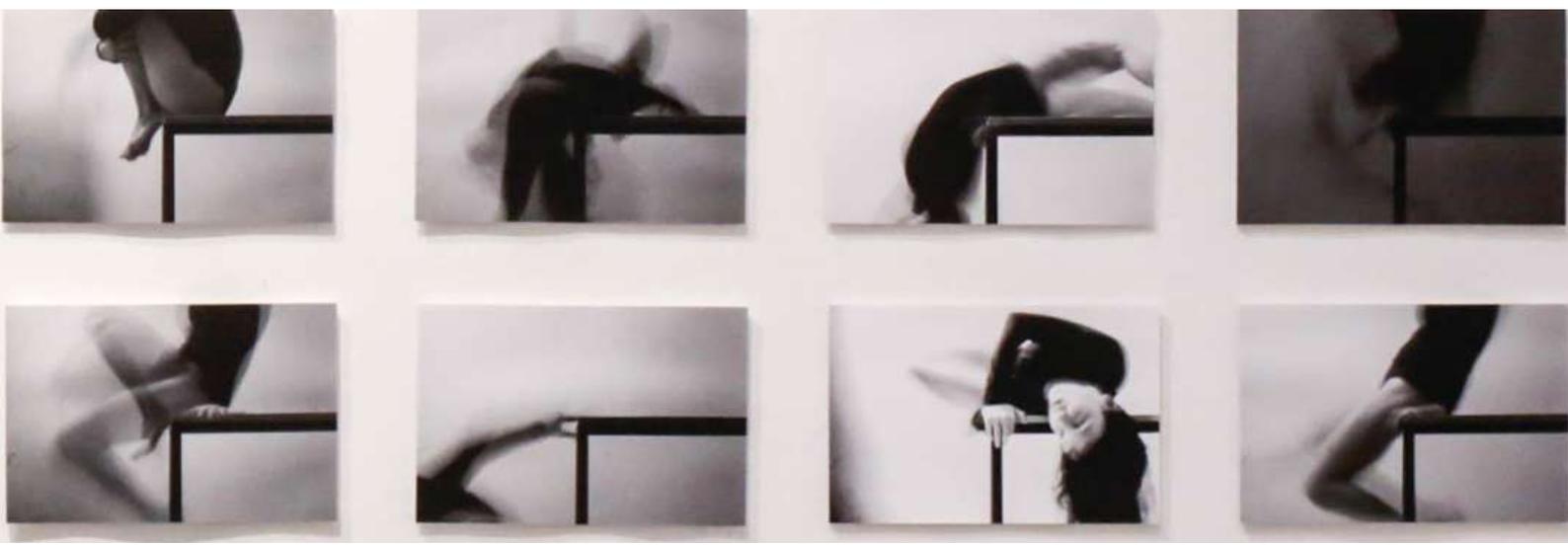
Usar o corpo todo como se fosse mão. Fazer do corpo um manifesto. Manifestar-se com o próprio corpo: levante. Não é gratuita a analogia com que Flusser relaciona o voo com o movimento das mãos, já que, etimologicamente, voare (voar em italiano) deriva do latim *vola*, que significa “palma da mão” ou “planta do pé”. Estas são, por sinal, as duas únicas partes do corpo humano (mais as mãos do que os pés) que desempenham movimentos em direção da terceira dimensão, que se levantam.

Ainda com Flusser:

O homem distingue-se dos outros animais terrestres por sua posição ereta: por ser seu corpo todo uma investida rumo ao espaço. Tal posição permite ao homem “conquistar o espaço” a partir do plano. (O pássaro não precisa conquistar o espaço, está nele). Mas a posição ereta humana não resulta na liberação do corpo humano todo em direção ao espaço. Abriu apenas o parâmetro dos movimentos tridimensionais para várias partes do corpo, e possibilitou às mãos a manipulação tridimensional de corpos.

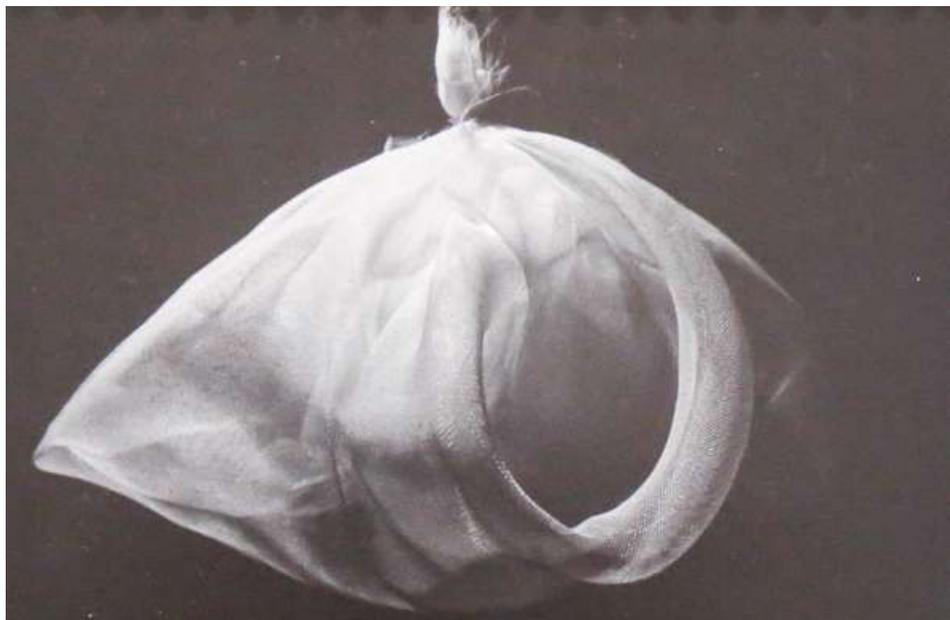
Na linha de Flusser, a bipedalidade, se não resultou apenas na racionalidade cartesiana a partir da qual codificamos o mundo, pode ser interpretada como a primeira tentativa de voo do corpo humano. Mãos que se levantam e punhos cerrados ao alto são até hoje símbolos de resistência contra regimes opressores. O homem é o animal que conquistou a verticalidade, afastou-se do chão, da terra. A ciência é unânime em afirmar que o homo sapiens é consequência direta da bipedalidade. Somos humanos porque temos as mãos livres.

Não se trata de abolir as coisas pesadas, mas de pensar indistintamente o peso e a leveza, a queda e o levante. É com a leveza que conseguimos tomar distância do solo e observar o comportamento das coisas pesadas. Por sua vez, é em razão do peso do corpo que podemos olhar para cima e admirar a leveza dos corpos que pairam misteriosamente sobre nossas cabeças. Cair e levantar são movimentos que nos permitem variar as formas dos objetos e pessoas com as quais nos relacionamos. Cair e levantar são movimentos que transformam o volume dos corpos, são moduladores da força gravitacional. Na esteira de Einstein, que postula a gravidade como o resultado da deformação da matéria, torna-se possível imaginar a gravidade como pertencente à ordem do informe, em sentido próximo ao utilizado por Bataille, em Documents (1929), quando, ao escrever o verbete "informe", afirma que o universo se parece a uma aranha ou a um escarro, que pode ser esmagado e desfeito a qualquer momento. Matéria escura e desconhecida que nos habita.



O QUERER E A QUEDA

ARTUR DE VARGAS GIORGI



Já faz algum tempo que Flávia Scóz se dedica a uma pesquisa limite: interrogar as possibilidades da queda, do cair, em seu ponto de máxima tensão, ou seja, em sua iminência, quando um corpo parece concentrar sua força e sua fragilidade ao repousar precariamente, entre o “ainda não” e o “não mais”. A leveza e mesmo o delicado humor de alguns trabalhos reunidos em Risco de queda contrastam com a gravidade desses exercícios. Isso porque, aqui, a emergência do fenômeno estético sustenta como linha de fuga o questionamento a respeito da existência em comum, ou ainda, das formas da vida ética. Afinal, se somos seres cuja existência é marcada pela ambivalência entre natureza e cultura, corpo e linguagem, matéria e pensamento; se, nesse sentido, vivemos no limiar entre um estado e outro, e portanto numa sorte de desequilíbrio contínuo; se estar “entre a queda e o levante”, como diz a artista, é a nossa condição mais própria, condição que potencializa as maiores oportunidades, assim como os impasses individuais e coletivos mais rigorosos; enfim, se este é o caso, então não se trata apenas de reivindicar esse risco, mas de transformá-lo em princípio operatório, e mais que isso, de insistir na força disruptiva dessa operação. Carregados de intensidade, de sentidos, os acontecimentos que vemos aqui são uma aposta: eles modulam de diferentes maneiras o desejo de um mundo possível. Essa é a proposição que parece estar cifrada nesta exposição. Nas palavras de Flávia Scóz, “apesar da distância do solo e da engenharia edificante do antropoceno, ‘tudo cai’. Mas é através dessa queda, em um lapso de tempo, quando também flutuamos, que realizamos o sonho do voo e da leveza”.

BAS JAN ADER E A POÉTICA DA QUEDA.

TESE DE MESTRADO DE FLÁVIA SCÓZ, VINCULADA AO PPG EM LITERATURA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA (UFSC), COM ORIENTAÇÃO DE CARLOS EDUARDO SCHMIDT CAPELA.



RISCO DE QUEDA

Bas Jan Ader foi um artista breve, no tempo e no espaço, suspenso nas suas quedas performáticas, suspenso entre ele e o abismo que não cessou de procurar. Articular suas obras é **ser lançada nessa suspensão**. Esse texto foi montado, escrito, costurado e bordado a partir da leitura de imagens, visuais e textuais. Ele leva à bordo uma espécie de navegação à vela feita entre as obras de Bas Jan Ader e as imagens de textos, que cruzam esse barco como ondas agitadas e calmarias que atravessam a deriva de uma *nav*.frágil. Por considerar **a queda como potência poética**, a presente pesquisa soltou suas amarras e **se lançou nessa navegação absurda**. Cair é na maior parte das vezes um **movimento invisível**, “lento e imediato”. Essa característica faz com que a queda seja também regida por uma porção de **acaso**. Lentamente está acontecendo a todo momento. A noite precisa de um dia inteiro para em algum instante ser finalmente noite. O sono precisa de uma jornada inteira para acontecer no seio noturno. A queda precisa de um impulso, de uma preparação deliberada para que em algum momento exato e ocasional se inicie. Ou seja, **a queda já está dada antes da queda em si**. E é nessas condições que tudo está a todo momento caindo. Morre-se um pouco a cada dia, para em algum instante, ao acaso, morrer-se de uma vez por todas.

Texto e imagens retirados da tese Bas Jan Ader e a poética da queda (2018), de Flávia Scóz.

ACESSE A TESE COMPLETA POR
MEIO QR CODE OU LINK ABAIXO.



[HTTPS://BIT.LY/3YEWXVZ](https://bit.ly/3yewxvz)

BIO. FLÁVIA SCÓZ



Artista visual, pesquisadora, editora, professora e mãe. Investiga as coisas que caem, os corpos que se levantam, as bordas, os abismos, os buracos, as escavações, o voo, o peso, a leveza e a gravidade. Atualmente desenvolve pesquisa de doutorado com o tema “política da queda e do levante nas artes visuais e na literatura” vinculada ao programa de Pós-Graduação em Literatura da UFSC e é membra do corpo editorial da revista *outra travessia*. É mestre em Literatura (UFSC, 2018) e Bacharel em Artes Visuais pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC, 2013). Nasceu em São José, foi criada em Florianópolis e mora em Joinville desde 2016.

WWW.FLAVIASCOZ.COM.BR - [@FLAVIASCOZ](https://www.instagram.com/FLAVIASCOZ) - AMORTECER@GMAIL.COM

EXPOSIÇÃO "RISCO DE QUEDA"

A EXPOSIÇÃO "RISCO DE QUEDA", DE FLÁVIA SCÓZ, ACONTECEU NA GALERIA MUNICIPAL DE ARTE VICTOR KURSANCEW, NA CASA DA CULTURA FAUSTO ROCHA JÚNIOR, ENTRE 03 DE MAIO À 17 DE JUNHO.

Risco de queda" é uma apropriação da advertência (Cuidado, Risco de queda) observada diante de um edifício em construção quando a possibilidade de queda se apresenta como uma ameaça. E, diante dessa possível iminência, cair de materiais ou de corpos, somos instruídos a manter distância. Por outro lado, apenas aquilo ou aquele que se levanta, que se posiciona no alto, pode cair. "Risco de queda" não é apenas sobre a iminência do cair como atividade arriscada, mas, explorando o jogo de palavras, traço, vestígio, rabisco, também um resto ou rastro da queda. Como se desenha o cair? Qual é a linha de queda.

Flávia Scóz, 2022.



PROCESSO DE MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO RISCO DE QUEDA

REGISTROS DA MONTAGEM DA EXPOSIÇÃO "RISCO DE QUEDA", DE FLÁVIA SCÓZ.





Fotografia: Flávia Scóz, acervo da artista.



ABERTURA DA EXPOSIÇÃO RISCO DE QUEDA, FLÁVIA SCÓZ

REGISTROS DO EVENTO DE ABERTURA DA EXPOSIÇÃO RISCO DE QUEDA, DA ARTISTA FLÁVIA SCÓZ, NO DIA 04.05.2022.





Fotografia: Flávia Scóz, acervo gmavk.



Flávia Scóz e Franzoi. Fotografia: acervo gmavk.

EXPOSIÇÃO "RISCO DE QUEDA"



EXPOSIÇÃO "RISCO DE QUEDA"



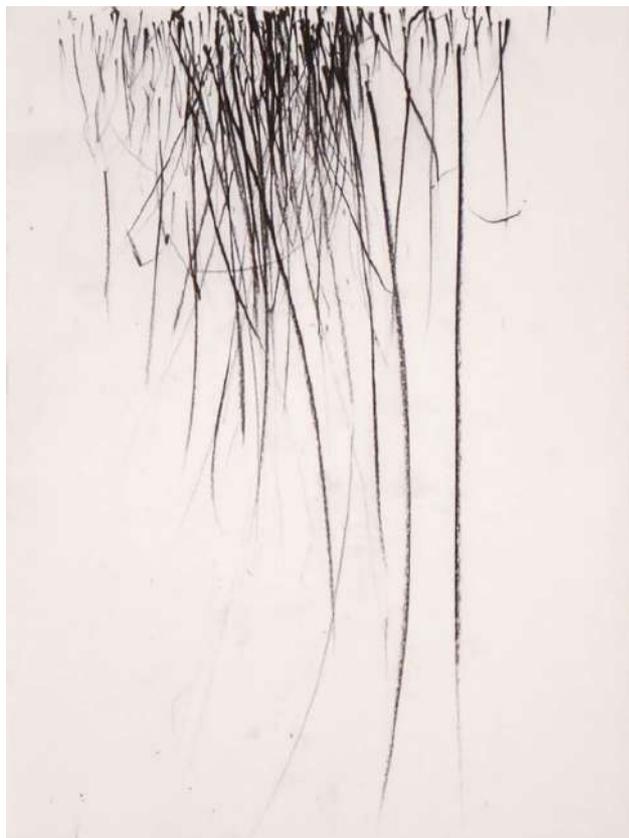
EXPOSIÇÃO "RISCO DE QUEDA"



TRABALHOS | RISCO DE QUEDA

TRABALHOS QUE INTEGRARAM A MOSTRA "RISCO DE QUEDA", DE FLÁVIA SCÓZ,
QUE ACONTECEU NA GALERIA MUNICIPAL DE ARTE VICTOR KURSANCEW
ENTRE 03 DE MAIO À 17 DE JUNHO.





Riscos de queda - Precipitação, 2021

Desenho: carvão sobre papel, 40x60cm

Videoarte: 2'30''



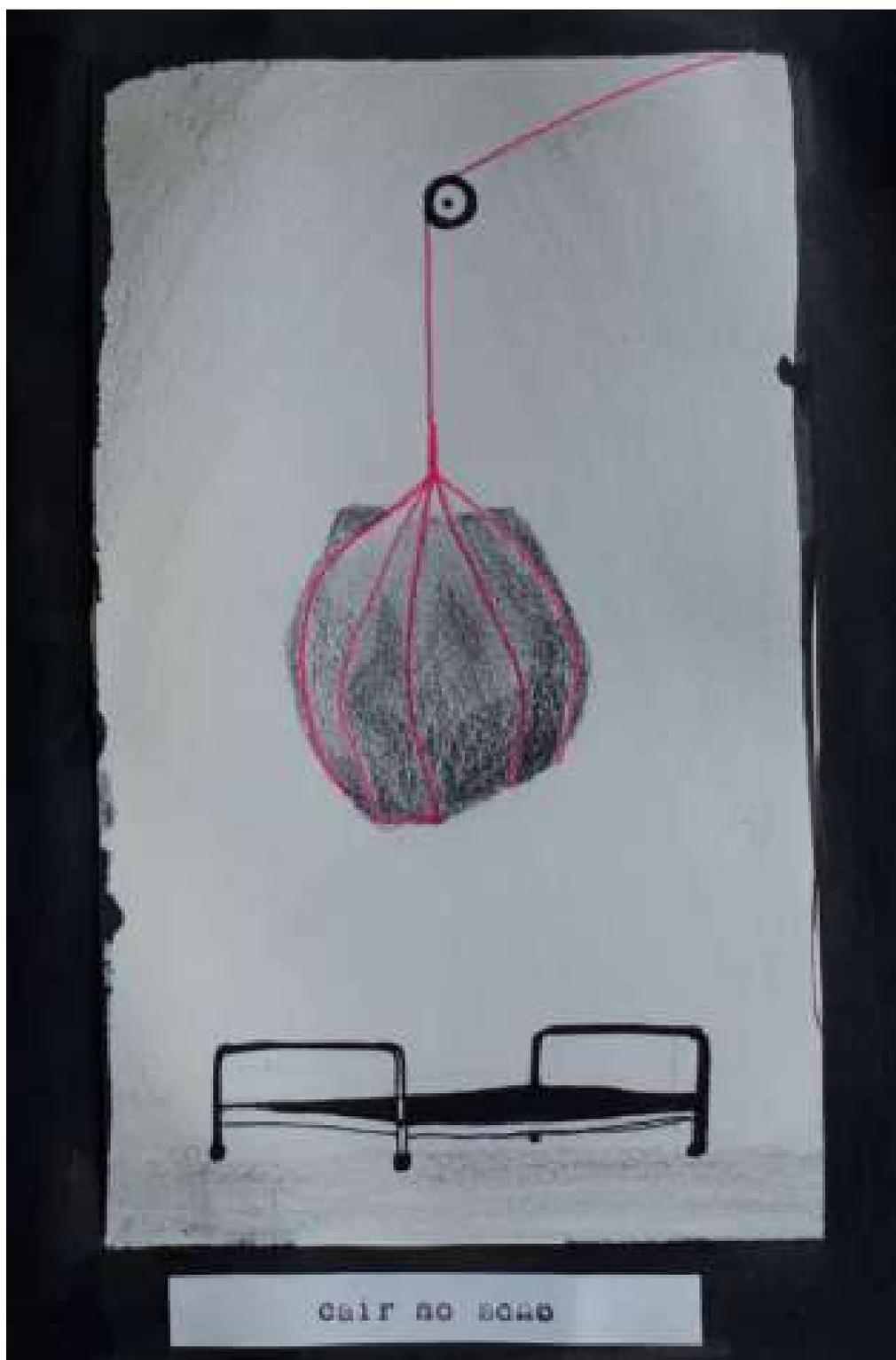
"*Risco de queda*" é uma apropriação da advertência (Cuidado, Risco de queda) observada diante de um edifício em construção. A possibilidade de queda se apresenta como uma ameaça. E diante dessa possível iminência, cair de materiais ou de corpos, somos instruídos a manter distância. Por outro lado, apenas aquilo ou aquele que se levanta, que se posiciona no alto, pode cair. "*Risco de queda*" não é apenas sobre a iminência do cair como atividade arriscada, mas, explorando o jogo de palavras, traço, vestígio, rabisco, também um resto ou rastro da queda. Como se desenha o cair? Qual é a linha de queda?"



Cair no sono

Coras, roupas diversas, roldana, roupa de cama.

Instalação, 2021/22
200x200x200cm



Cair no sono

Estudos que integram o livro de artista Risco de queda

Desenho, 2021

15x10cm





Prae/capitis

Fotografia, 2021
40x60cm

ASSISTA À VIDEOPERFORMANCE
QUE ORIGINOU ESTE TRABALHO:



[HTTPS://YOUTU.BE/4OGIFJHIUU](https://youtu.be/4OGIFJHIUU)



Prae/capitis

A cabeça se lança para pensar, se projeta à frente do corpo. Precipitar: *prae/capitis* – *prae*, adiante, *capitis*, cabeça. Precipitar-se é etimologicamente manter a cabeça à frente. É lançar algo com a cabeça, o pensamento, o corpo. Precipitar é cair, é ceder ao peso da cabeça. Seria o corpo uma forma de habitar o abismo? Lançar-se no abismo seria ir ao encontro de si próprio fora de si? Precipitar não é necessariamente colocar a cabeça à frente, em sentido racional, mas, se tomarmos a cabeça como a parte mais pesada do corpo, é compreender os que se precipitam como aqueles que cedem ao peso do pensamento. É o peso da cabeça que se lança no vazio e conduz o corpo nos giros, piruetas, saltos e também na queda. Pode-se afirmar que o bailarino ou acrobata ensaia técnicas de precipitação. Precipitar é sinônimo de chover, que metaforicamente implica no cair da nuvem para fora dela mesma. O corpo nuvem pesa sobre si mesmo e se precipita. Da mesma forma, na química, usa-se o termo precipitado para designar um corpo sólido que se forma devido a uma reação. Uma solução supersaturada é aquela que o peso do corpo-solução igualmente não se suporta em si mesmo, cai, e resta acumulada no fundo, no solo.



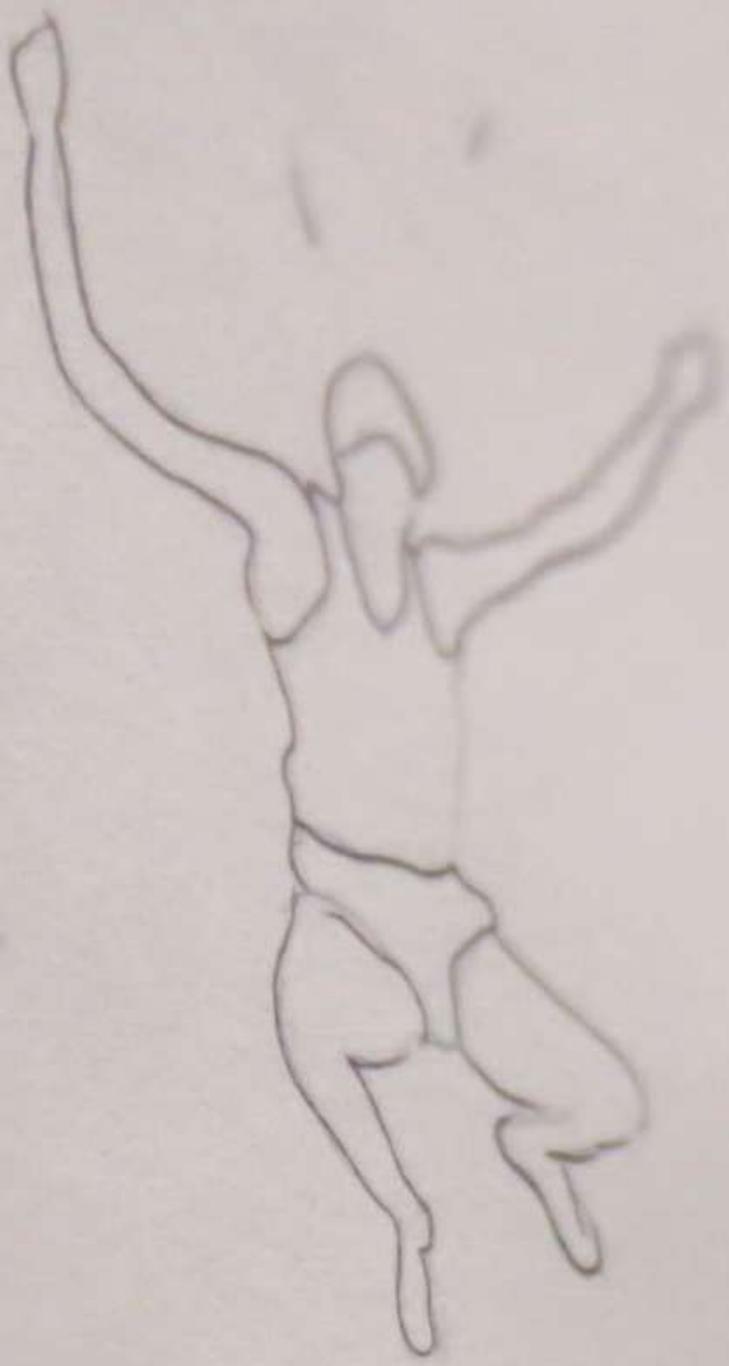


Risco de Queda

Desenho sobre papel

Fotografia, 2020

21x29,7cm





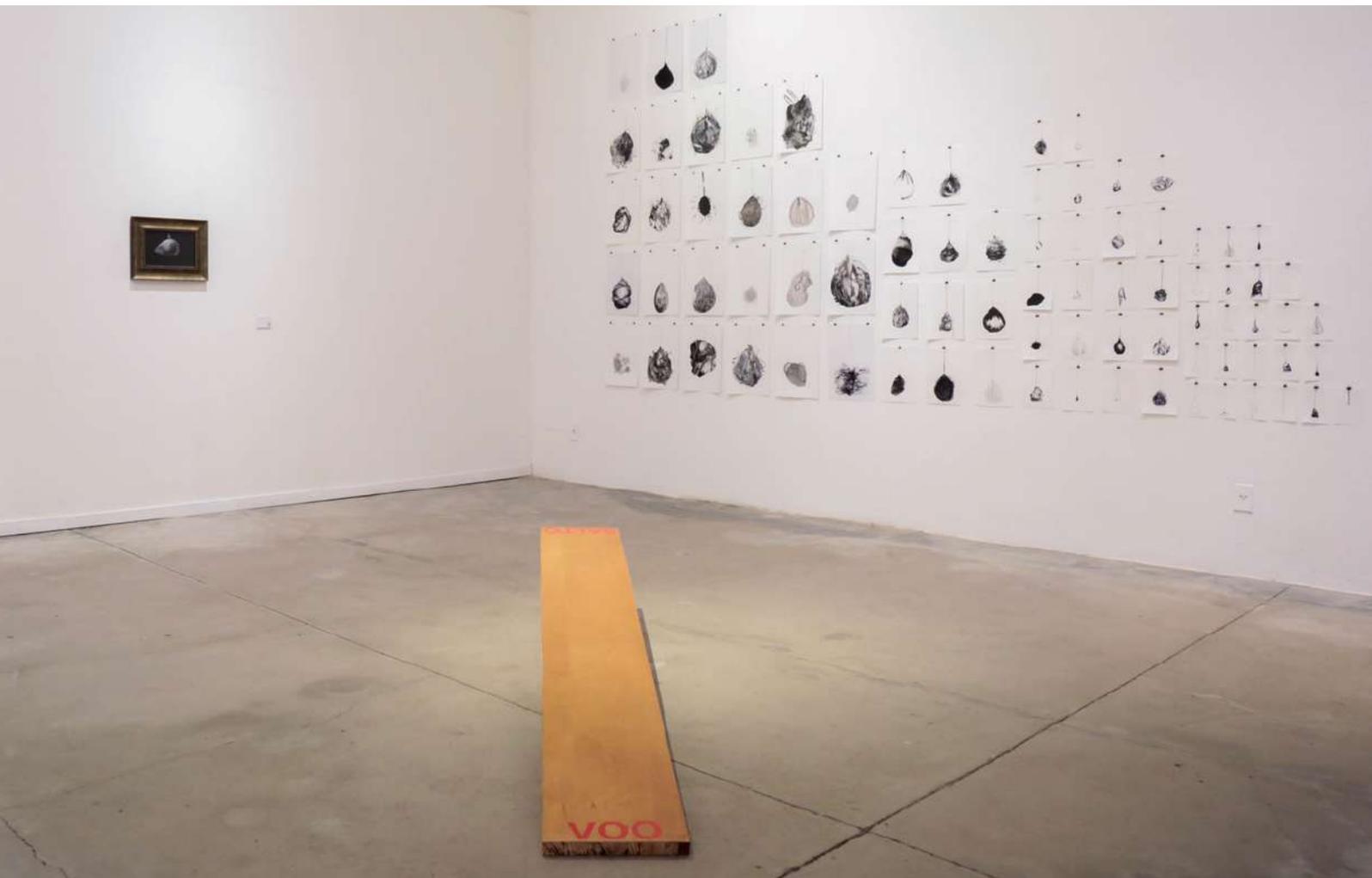
Estudo para fixar a borda I e II

Fotografia, 2021
30x45cm (cada)



"Estudo para fixar a borda" é sobre o limite entre repouso passivo e queda ativa. A partir do posicionamento de objetos variados na borda de uma estrutura considerada estável, tenta-se calcular qual a superfície de contato mínima necessária para que a queda ocorra ou não.





tudo o que é sólido afunda
tudo o que é aerado flutua





"Danças de a-fundamento" é sobre a percepção de como o bailarino estabelece sua própria força de ligação à terra e ao céu, e por meio de seu peso e da leveza de seus movimentos, funda seu próprio campo gravitacional, dessa forma, nunca cessa de questionar a gravidade, desejo, negação e desafio expressos em saltos, acrobacias e piruetas



Danças de a-fundamento

Linha de algodão e plástico bolha

Fotografia, 2021

40x60cm (cada)





Estudos para sustentar a leveza

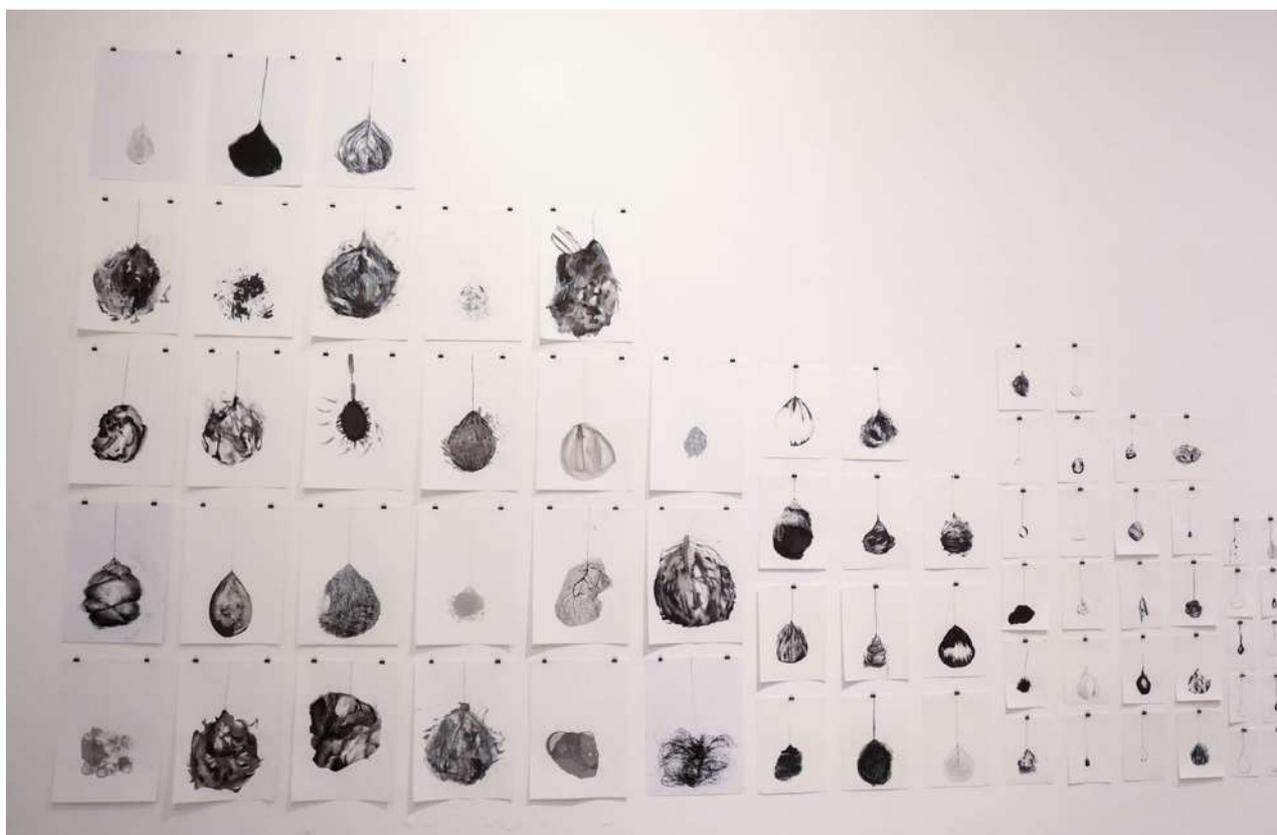
*Instalação: malha de nylon e linha de algodão,
dimensões: 60x50x250cm*

Fotografia, 2021
40x60cm (cada)

Estudos para sustentar a leveza

Não se trata de abolir as coisas pesadas, mas de pensar indistintamente o peso e a leveza, a queda e o levante. É com a leveza que conseguimos tomar distância do solo e observar o comportamento das coisas pesadas. Por sua vez, é em razão do peso do corpo que podemos olhar para cima e admirar a leveza dos corpos que pairam misteriosamente sobre nossas cabeças. Cair e levantar são movimentos que nos permitem variar as formas dos objetos e pessoas com as quais nos relacionamos. Cair e levantar são movimentos que transformam o volume dos corpos.





Estudos para sustentar a forma

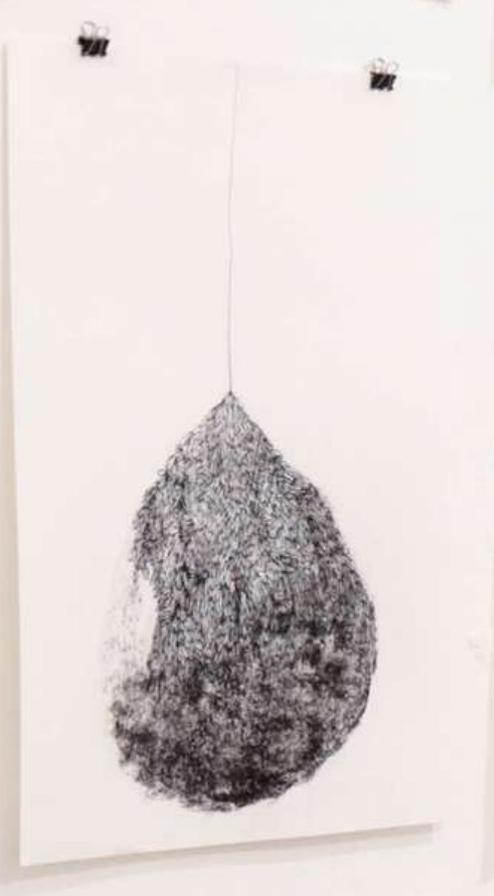
Nanquim e carvão sobre papel

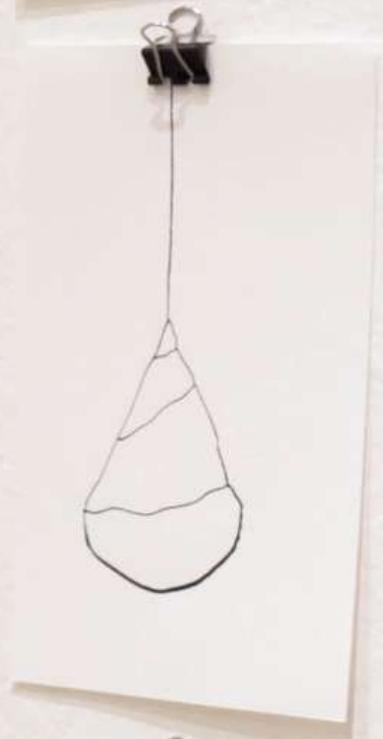
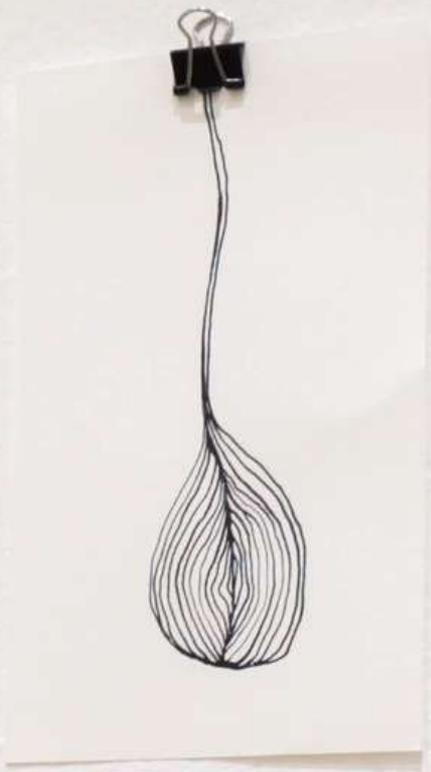
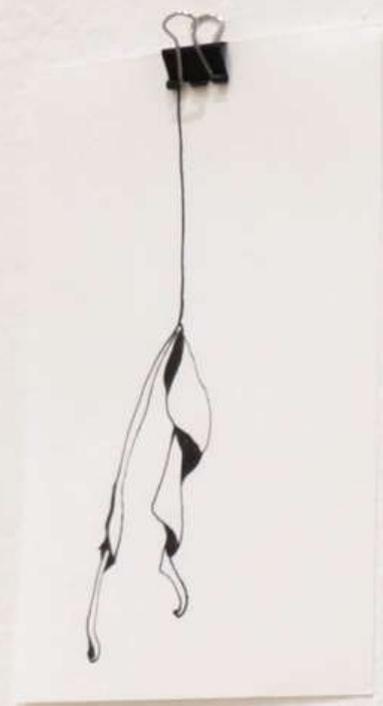
2021

15x21cm (cada)



"Estudos para sustentar a forma" é uma série de investigações que utiliza o desenho como suporte e imaginação para projetar ou registrar formas penduradas, sustentadas ou em vias de despencar.







Contrapeso da leveza

Instalação

2021/22



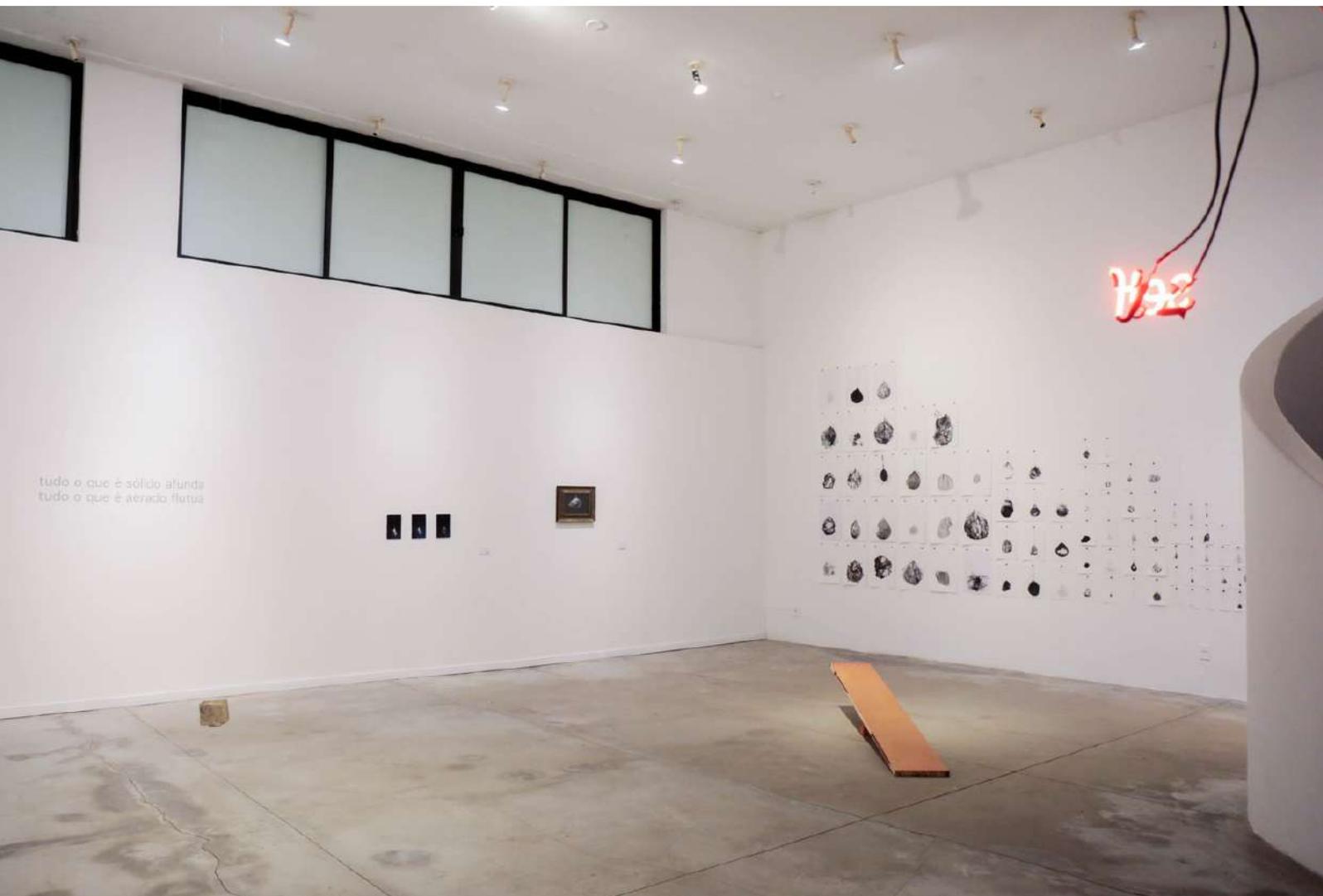


Estudo para sustentar o "eu"

Instalação : neon, fios de nylon, fios de luz, ganchos de sustentação, pedra e roldanas

2021

200x100x270cm



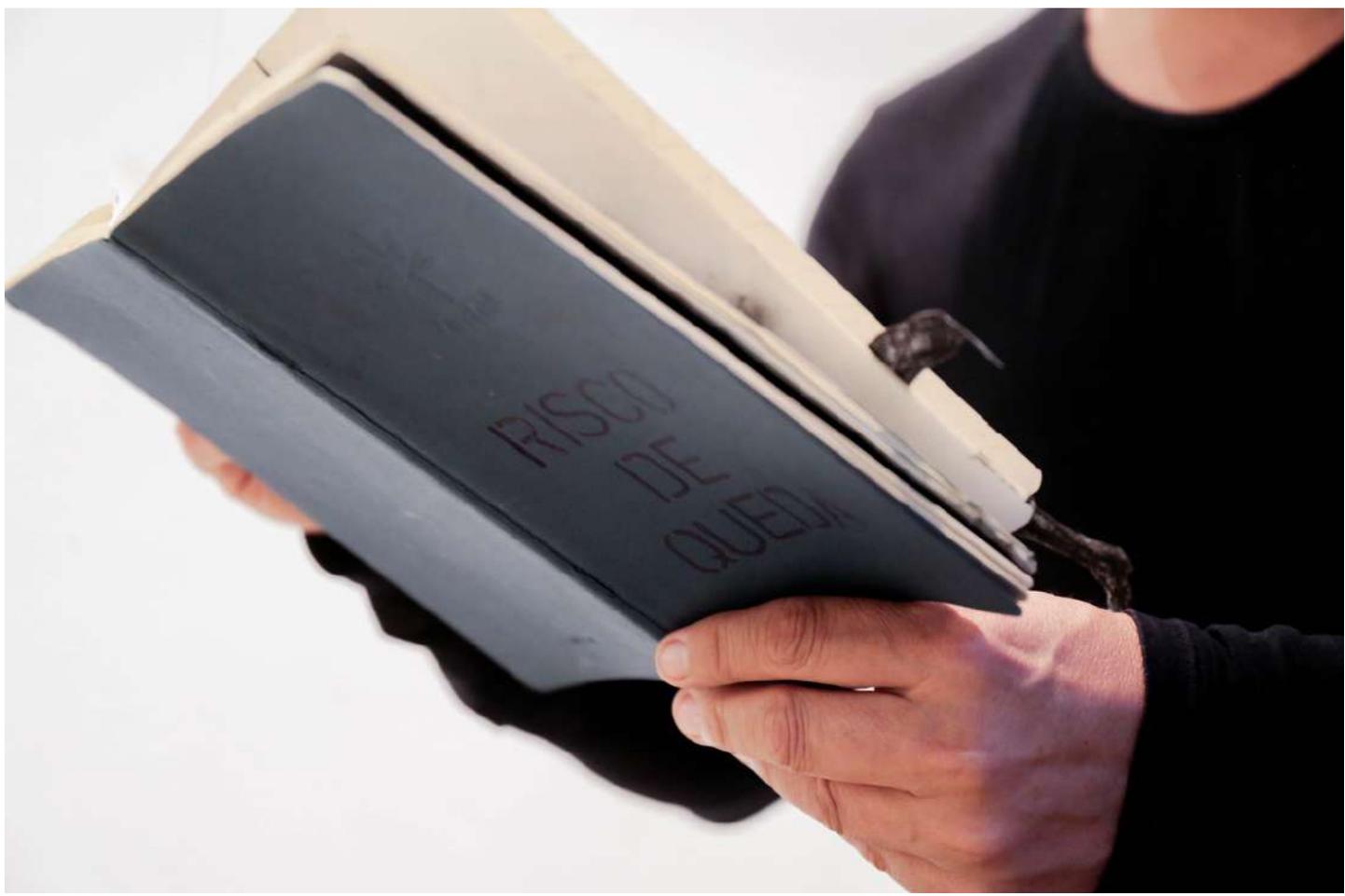


Risco de queda

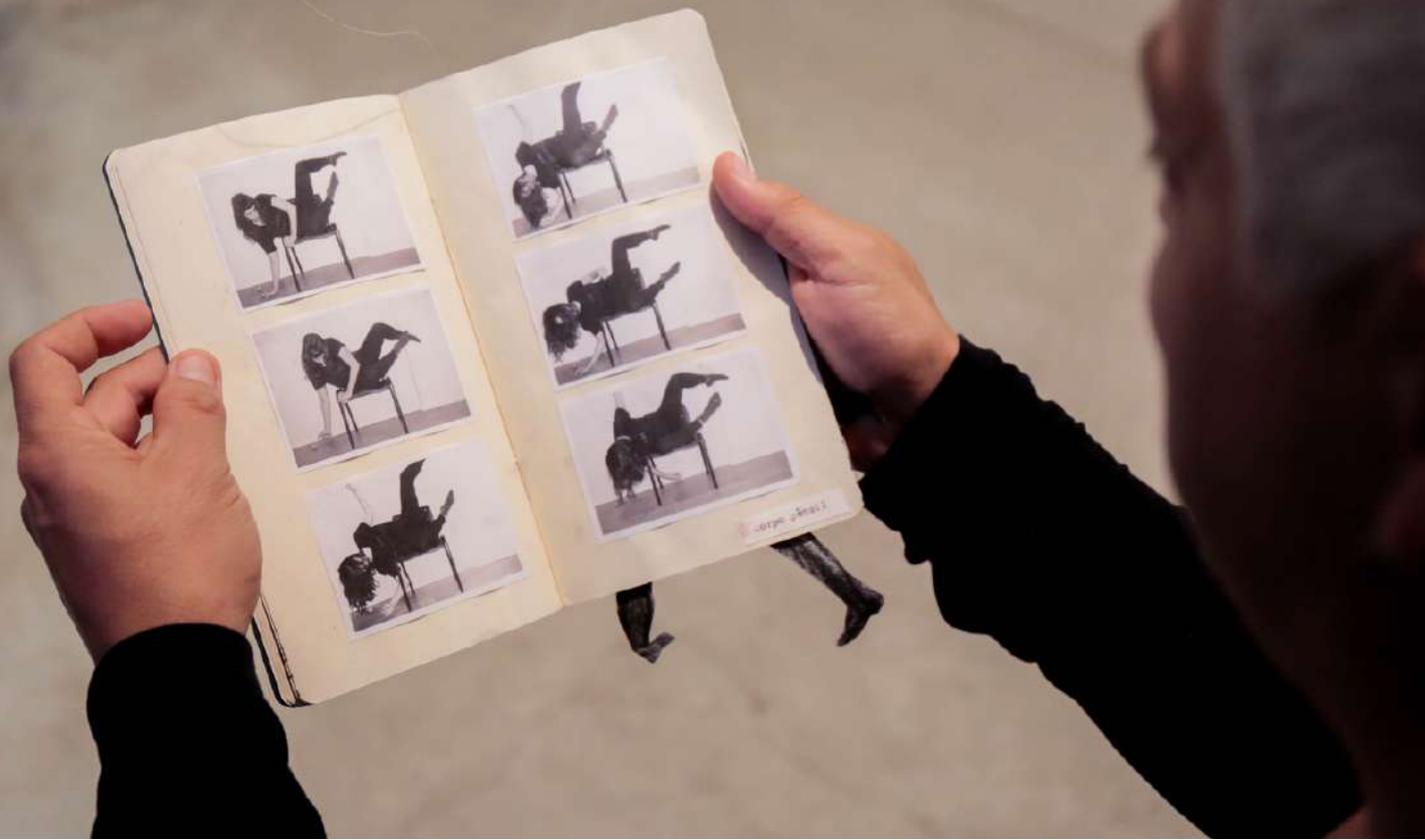
Livro de artista

2021

15x21cm , 24 páginas







ATIVIDADES EDUCATIVAS

PALESTRA COM FLÁVIA SCÓZ (ARTISTA E DOUTORANDA PELA UFSC) E
COM O PROF. DR. ARTUR GIORGI (UFSC)

COLÓQUIO

O querer, a queda
Prof. Dr. Artur de Vargas Giorgi
(UFSC)

Risco de queda
Flavia Scóz
(Artista e doutoranda UFSC)

Mediação: Carlos Alberto Franzoi

Casa da Cultura Fausto Rocha Junior
R. Dona Francisca, 800 - Saguçu, Joinville - SC

Evento gratuito | 473433-2557 | gmavk@joinville.sc.gov.br

3 de junho | 17h
auditório Casa da Cultura

Assessoria Municipal de Arte
Prefeitura de Joinville
CULTURA E TURISMO

Palestra "O querer, a queda" (Artur de Vargas Giorgi e Flávia S, realizada em Maio na Casa de Cultura Fausto Rocha Júnior. O registro audiovisual e fotográfico foi realizado por meio do projeto "FalaUnicolabers", da Agência "UniColab", Programa de Extensão-Comunicação e Artes da UniSociesc.

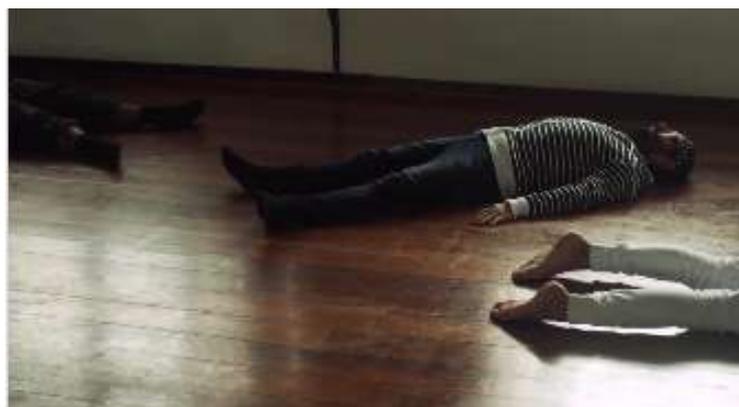
ATIVIDADES EDUCATIVAS

LABORATÓRIO PERFORMANCE | CORPO, QUEDA E GRAVIDADE.

ACESSE POR MEIO DO
QR CODE OU LINK ABAIXO



<https://bit.ly/3Obbxun>



Teaser da Oficina Queda e Gravidade, realizada em Maio na Casa de Cultura Fausto Rocha Júnior. O registro foi realizado por meio do projeto "FalaUnicolabers", da Agência "UniColab" , Programa de Extensão-Comunicação e Artes da UniSociesc.

A EXPOSIÇÃO E O PÚBLICO.



Fotografia: Mirian da Rocha.

*Registros dos estudantes dos cursos da **Escola de Artes Fritz Alt** da Casa da Cultura Fausto Rocha Júnior durante a mediação cultural realizada pela assistente cultural Soraia Silva. Fotografias: Mirian da Rocha, acervo pessoal.*

A EXPOSIÇÃO E O PÚBLICO.



Fotografia: Soraia Silva, acervo gmavk.

*Registros dos estudantes do colégio particular **Machado de Assis** durante a mediação cultural realizada pela assistente cultural Soraia Silva.*

MATERIAL DE APOIO

ACESSE OS MATERIAIS DE APOIO DA EXPOSIÇÃO *RISCO DE QUEDA!*

AUDIOMEDIAÇÃO



FLÁVIA SCÓZ

Artista visual, pesquisadora, editora, professora e mãe.

Investiga as coisas que caem, os corpos que se levantam, as bordas, os abismos, os buracos, as escavações, o voo, o peso, a leveza e a gravidade.

ACESSE POR MEIO DO QR CODE OU LINK ABAIXO



<https://youtu.be/pIU6XTJqg2U>

TEXTO



ARTUR DE VARGAS GIORGI

Professor da UFSC e crítico de arte.

Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Teoria Literária, e na área de Artes, com ênfase nas Teorias da Modernidade, em Arte Moderna e Arte Contemporânea.

ACESSE POR MEIO DO QR CODE OU LINK ABAIXO



Texto realizado pelo pesquisador Artur de Vargas Giorgi para a revista "Cosmos & Contexto" com o mesmo título e tema da palestra realizada como ação educativa da exposição.

[Link: https://cosmosecontexto.org.br/o-querer-a-queda-notas-sobre-a-exposicao-individual-de-flavia-scoz-na-casa-da-cultura-de-joinville/](https://cosmosecontexto.org.br/o-querer-a-queda-notas-sobre-a-exposicao-individual-de-flavia-scoz-na-casa-da-cultura-de-joinville/)

FICHA TÉCNICA

SECRETARIA DE CULTURA E TURISMO

secretário: **GUILHERME GASSENFERTH**

diretoria executiva: **FRANCINE OLSEN**

gerência casa da cultura: **FRANZOI**

coordenadoria de comunicação: **EMANUELLE TORRES**

GALERIA MUNICIPAL DE ARTE VICTOR KURSANCEW

coordenação: **FRANZOI**

mediação cultural: **SORAIA SILVA**

setor administrativo: **ISADORA TERRANOVA**

MATERIAL EDUCATIVO EXPOSIÇÃO RISCO DE QUEDA

realização | produção: **GALERIA MUNICIPAL DE ARTE VICTOR KURSACNEW**

coordenação: **FRANZOI**

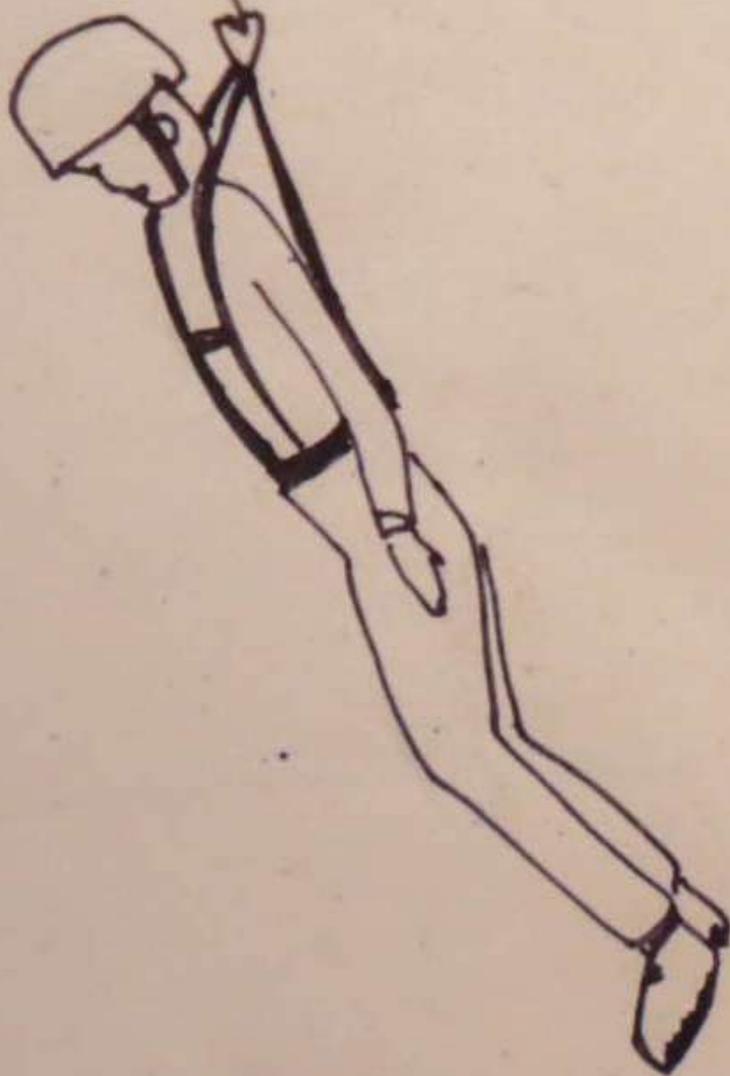
organização editorial | projeto gráfico: **ISADORA TERRANOVA, SORAIA SILVA**

fotografia: **CAMILA DE MELO FREITAS**

assessoria de imprensa: **EMANUELLE VIEIRA TORRES SCHREIBER, NAIARA LARSEN**

artista: **FLÁVIA SCÓZ**

crítico de arte | palestrante: **ARTUR DE VARGAS GIORGI**



linha da vida

galeria municipal de arte
Victor Muniz

📍 Rua Dona Francisca, 800 – Saguaiçu, Joinville – SC

☎ Contato: (47) 3433-2266

✉ gmavk@joinville.sc.gov.br [📺 bit.ly/3QyRt8n](https://www.youtube.com/watch?v=3QyRt8n)

📄 www.joinville.sc.gov.br/institucional/secult/ucc-secult/gma/

Materiais educativos estão na aba "Publicações" do site oficial